



O IMAGINÁRIO RELIGIOSO FUNDAMENTALISTA E A NARRATIVIDADE BÍBLICA

The Fundamentalist religious imaginary and the biblical narrativity

Anderson de Oliveira Lima *

RESUMO: Este artigo parte da análise literária aplicada à literatura bíblica com a finalidade de identificar os padrões mais marcantes dessas antigas narrativas e entender como se dá a relação entre tais padrões e o imaginário religioso fundamentalista. O objetivo é propor um novo caminho para a crítica do fundamentalismo religioso atual que leva em conta as relações entre a apropriação literalista dos textos sagrados, o imaginário religioso daí decorrente, e a aplicação desses padrões utópicos no mundo dos leitores, onde se pretende concretizar a ficcionalidade bíblica em busca de um mundo melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia, Crítica Narrativa, Imaginário Religioso, Fundamentalismo, Teoria Literária.

ABSTRACT: This article part of the literary analysis applied to biblical literature in order to identify the most striking patterns of these ancient stories and understand how such patterns relate to the fundamentalist religious imaginary. The objective is to propose a new way to the criticism of the current religious fundamentalism that takes into account the relationship between the literalist appropriation of sacred texts, the religious imaginary that they develop, and the application of these utopian patterns in the world of readers, which aims to realize the biblical fictionality in search of a better world.

KEYWORD: Bible, Narrative Criticism, Religious Imaginary, Fundamentalism, Literary Theory.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e especialista em Bíblia (Lato Sensu) pela mesma Universidade. Artigo submetido a avaliação em 23.04.2015 e aprovado para publicação em 15.10.2015.

Introdução

Esta pesquisa teve início após nossa leitura do livro *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*, do conceituado escritor e semiótico italiano Umberto Eco. O livro aborda temas recorrentes nas discussões sobre as teorias literárias contemporâneas e, em dado momento, apresenta um parágrafo que nos chamou a atenção por procurar ligar a discussão sobre literatura ao imaginário religioso. O parágrafo que nos inspirou é este:

Vivemos no grande labirinto do mundo real, que é maior e mais complexo que o mundo de Chapeuzinho Vermelho. É um mundo cujos caminhos ainda não mapeamos inteiramente e cuja estrutura total não conseguimos descrever. Na esperança de que existam regras do jogo, ao longo dos séculos a humanidade vem se perguntando se esse labirinto tem um autor ou talvez mais de um [...] procuraram Deus como Autor-Modelo – quer dizer, Deus como a Regra do Jogo, como a Lei que torna ou um dia tornará compreensível o labirinto do mundo. A Divindade nesse caso é algo que precisamos descobrir ao mesmo tempo que descobrimos por que estamos no labirinto e qual é o caminho que nos cabe percorrer (ECO, 1994, p. 121).

Na primeira frase o autor faz uma oposição entre o “mundo real”, no qual vivemos, e o “mundo de Chapeuzinho Vermelho”. Obviamente o mundo do conto infantil é empregado apenas como um exemplo de um mundo ficcional, um mundo que foi construído no texto para que nele se desenrolasse a história da personagem; como sempre, este mundo ficcional corresponde apenas em parte ao mundo em que vivemos. De fato, toda narrativa se desenrola num mundo ficcional que, por definição, é composto a partir de elementos extraídos do mundo real acrescidos de elementos do imaginário (ISER, 2013, p. 31-34).

O mundo do texto sempre será um recorte da realidade, uma redução dela, e dependendo das intenções do autor este mundo transgredirá mais ou menos os limites da realidade. No caso de Chapeuzinho Vermelho a realidade é transgredida, por exemplo, quando descobrimos que ali os animais podem falar. Esse fenômeno não é surpreendente para os habitantes daquele mundo literário, mas é fantasioso para nós, que estamos do lado de fora. O mundo literário, portanto, possui suas próprias leis, e o leitor deverá compreender esses limites para entrar e sair da história de um modo competente, caso contrário, ou ele rejeitará o texto por não tolerar seus elementos ficcionais, ou confundirá a realidade com a fantasia esperando erroneamente que as mesmas regras do mundo do texto funcionem no mundo real.

Umberto Eco então afirma que nós todos vivemos no “grande labirinto do mundo real”, um mundo muito mais complexo do que qualquer livro poderia descrever. Em outras palavras, Eco sugeriu que o ser humano experimenta o mundo e a própria vida sem poder compreendê-los plena-

mente. Por mais que crie metas, realize sonhos e estude a natureza, persiste para grande parte dos homens a sensação de que habitamos um universo caótico, onde aparentemente não passamos de peças transitórias de pouca significância dentro de um sistema natural que só busca manter seu ciclo vital. Quando tomamos consciência de que estamos diante desse labirinto não mapeado experimentamos sensações de ignorância e pequenez diante do caos incômodo que é a existência. E é aí que as religiões e a Teologia exercem seus principais papéis, oferecendo aos que creem modelos explicativos que amenizam as angústias advindas das incertezas. Ilustraremos isso com as palavras dos teólogos João Batista Libanio e Afonso Murad:

A vida humana intercala-se, como curto lapso diurno, entre duas gigantescas noites. A noite da não-existência. Ontem não éramos. Esse ontem recua bilhões de anos até o big-bang. E antes dele paira o silêncio do nada. Após a morte, abre-se nova noite escura sem término. Entre essas duas ameaças do caos inicial e final, o ser humano caminha solitário, sem luz. A teologia, ao fazer-se companheira, quer contar-lhe as histórias de Deus que lhe permitem encontrar sentido para esta aventura tão breve entre os infinitos do ontem e do amanhã (LIBANIO; MURAD, 2005, p. 36).

Nestas observações nada há de inédito. O que nos chama a atenção é que Eco faz tais observações a partir de uma perspectiva literária. Ele escreveu: “Na esperança de que existam regras do jogo, ao longo dos séculos a humanidade vem se perguntando se esse labirinto tem um autor ou talvez mais de um”. Ao afirmar que a humanidade se pergunta por um *autor* Eco nos leva de volta às histórias escritas e seus mundos ficcionais. Nas narrativas, os cenários são desenhados por um autor e os personagens que ele cria fazem desenrolar um enredo preconcebido; o escritor controla as regras do jogo. Na vida real, seguindo Eco, os homens também empregam seus instintos narrativos e supõem a existência de um Deus que atuaria como um autor ao criar um mundo concreto e ordenado, concebido para que nele vivêssemos segundo as linhas que a divindade nos escreve.

Hipoteticamente, se Deus existe e é um autor inteligente que projetou nossa existência, é de se esperar que o universo possua uma estrutura minimamente compreensível, que a vida de cada um seja uma sucessão de cenas de um enredo em que os eventos o conduzam a um final (provavelmente feliz). Assim crendo, cada um pode se considerar um protagonista no palco da própria vida, contracenando em cenários bem desenhados ao lado de vilões e figurantes pelo tempo que a este divino autor agradar escrever.

Assim encontramos Umberto Eco discutindo tópicos comuns aos estudos das religiões de um ponto de vista literário. Desse parágrafo tiramos inspiração para nosso desenvolvimento que pretende tratar, de um modo mais específico, do imaginário religioso cristão fundamentalista contemporâneo a partir de um estudo da narratividade bíblica. A seguir procuraremos, de modo breve, limitar a discussão ao imaginário religioso fundamenta-

lista, e é aí que a narratividade bíblica ganha destaque como elemento normativo que é determinante para o desenvolvimento desse imaginário. Por fim, passando à segunda parte do artigo, procuraremos demonstrar sucintamente algumas das características da narratividade bíblica que mais estão presentes no imaginário religioso fundamentalista já fazendo a ligação entre tais peculiaridades literárias e a religiosidade cristã fundamentalista em suas manifestações concretas.

1 A Leitura Cristã Fundamentalista: O Mundo do Texto no Mundo do Leitor

Se, como supomos, há um imaginário religioso fundamentalista que se pauta na narratividade bíblica, devemos considerar as relações entre esses grupos fundamentalistas e os textos bíblicos que leem; noutras palavras, devemos abordar as práticas de leituras bíblicas fundamentalistas.

Primeiro convém lembrar que um bom número de estudiosos da linguagem já defendeu com excelentes argumentos que “[...] a linguagem não é o veículo do pensamento, mas seu fator determinante. O pensamento é a linguagem internalizada; e nós pensamos e sentimos conforme nossa língua particular nos impele e nos permite fazer” (STEINER, 2005, p. 101). George Steiner demonstrou a presença dessas ideias em pensadores como Leibniz, Vico, Hamann, Humnoldt, Whorf, dentre outros (STEINER, 2005, p. 100-118) e, se como todos eles disseram, a linguagem é tão determinante para o pensamento, de modo que se pode dizer que povos falantes de idiomas distintos praticamente habitam mundos distintos (STEINER, 2005, p. 113), não é nenhum absurdo supor que grupos religiosos modernos que internalizaram a arcaica linguagem bíblica entendam o mundo de um modo particular. É por isso que nosso interesse tem recaído especialmente sobre os cristãos fundamentalistas.

A leitura cristã fundamentalista, do ponto de vista da História da Leitura, se caracteriza pela ênfase que dá ao sentido literal dos textos bíblicos, o que, neste caso, é uma herança direta das ideologias da Reforma Protestante. No século XVI os chamados reformadores insistiram na negação do modelo de leitura cristã medieval, conhecido como um método alegórico que buscava nas escrituras não apenas o sentido literal, como outros de caráter mais místico¹. Porém, a ênfase no sentido literal não se restringiu

¹ Acredita-se que o método alegórico tenha tido origem entre judeus de Alexandria, onde eles estiveram envolvidos com o sistema educacional grego que empregava principalmente a poesia homérica como base para o aprendizado. Nesse ambiente os judeus encontraram problemas ao colocar seus jovens estudantes em contato com passagens moralmente questionáveis de seu ponto de vista, e desenvolveram a alegorização, técnica pela qual se podia substituir

àquelas gerações, continuou se manifestando (de maneira anacrônica) em diferentes momentos da história do cristianismo e dando forma ao discurso de variados grupos religiosos conservadores.

Enquanto o mundo via emergir a modernidade, o gradual surgimento de uma consciência racional e autônoma que reagia às estruturas medievais de poder², o fundamentalismo religioso tomava forma como uma contrapartida, uma iniciativa conservadora de resistência a essa racionalidade moderna que se caracterizava tanto por seu aspecto crítico quanto pela redução da importância da religião (PANASIEWICZ, 2008, p. 2). O fundamentalismo (que aqui é abordado apenas a partir de suas práticas de leitura bíblica), portanto, assume uma antiga prática de leitura religiosa que, não sendo exclusiva de um ou outro grupo religioso, é sustentada dogmaticamente e dá legitimidade a ideologias religiosas fora de época.

Assim, a leitura fundamentalista tem suas raízes no protestantismo e está marcada por uma ênfase no sentido literal dos textos bíblicos e pela afirmação de que a Bíblia deve ser o instrumento absoluto da mediação entre Deus e os homens (tópicos de especial significação no discurso reformado em sua oposição à tradição católica medieval). No começo do século XX e em território norte-americano, esses mesmos princípios foram empregados como instrumento de resistência à crítica moderna da Bíblia que, especialmente no século XIX, acumulou conhecimentos a respeito da literatura bíblica expondo a fragilidade de muitas afirmações religiosas que sustentaram a devoção cristã ao texto por muitos séculos (ARMSTRONG, 2001, p. 9-10; COSTA, 2014, p. 234-235).

Quando se discorre sobre a história do fundamentalismo cristão é comum ouvirmos falar de diversas iniciativas tomadas desde o começo do século XX com a intenção de preservar os fundamentos da fé cristã que os críticos liberais supostamente estavam a combater. Por exemplo, houve a publicação, entre 1909 e 1915, de uma série de quinze volumes intitulada *The Fundamentals: a testimony to the truth* (Os Fundamentos: um testemunho da verdade), cujo objetivo era defender os princípios da fé cristã tradicional.

os elementos textuais concretos por outros abstratos, que atendiam melhor às expectativas do leitor (KUGEL, 2012, p. 38-40). A alegoria se desenvolveu e já nos primeiros séculos da Era Cristã ganhou a adesão dos cristãos, especialmente por influência de pensadores como Clemente e Orígenes (ambos de Alexandria e do século III EC). Em resumo, o método alegórico (conforme a exposição de Dante Alighieri no século XIII) começa pelo sentido literal, histórico, em que o texto é lido e compreendido a partir de seu contexto original. Então o intérprete procura o sentido alegórico que, ao cabo, busca por um significado doutrinário, cuja questão é: em que se deve crer? Depois parte-se ao sentido moral ou tropológico, que aplica tais elementos doutrinários à vida do cristão que lê o texto, fazendo a Bíblia servir-lhe de guia pessoal. Por fim, supõe a existência de um sentido anagógico que possui uma dimensão escatológica, que se ocupa das coisas que supostamente virão (KUGEL, 2012, p. 42-43).

² Sobre a *modernidade* indicamos a seguinte leitura: (COSTA, 2014, p. 222-225).

Depois testemunhou-se a criação da *World Christian Fundamentals Association* (Associação Mundial Fundamentalista Cristã). Além desses, grupos cristãos fundamentalistas investiram em instituições de ensino confessionais e na difusão radiofônica e televisiva de suas doutrinas, conquistando adeptos e sustentando aquelas antigas práticas de leitura bíblica em funcionamento (PANASIEWICZ, 2008a, p. 3).

Joseph A. Fitzmyer definiu a leitura fundamentalista com essas palavras:

A leitura fundamentalista da Bíblia é um entendimento literalista do texto bíblico, que considera sua forma final como a expressão *verbatim* da Palavra de Deus e a vê como clara, simples e sem ambiguidade. Normalmente recusa-se a usar o método histórico-crítico ou qualquer outro suposto método científico de interpretação e não leva em conta as origens históricas da Bíblia, nem o desenvolvimento de seu texto ou suas diversas formas literárias (FITZMYER, 1997, p. 66).

Apesar da superação evidente de vários dos pilares epistemológicos da leitura literalista que depois foi chamada de fundamentalista, ela surpreendentemente continua seduzindo boa parte dos leitores da Bíblia. Hoje, excedendo as pretensões de um método interpretativo para os textos *sagrados*, o fundamentalismo funciona como modelo a partir do qual a existência humana é explicada e ordenada, e é isso o que faz com que as práticas de leitura dos grupos fundamentalistas sejam tão determinantes para sua linguagem e, conseqüentemente, para seu modo de viver³.

Estamos partindo do pressuposto de que os grupos cristãos fundamentalistas, pelo menos boa parte deles, empreendem uma leitura desse tipo: literalista, que toma cada dado exposto nos textos como fato histórico e como verdade divinamente revelada, que desconsidera as ambiguidades das traduções, as dúvidas advindas das variantes textuais presentes nos manuscritos antigos, as mediações ideológicas que as tradições religiosas e a materialidade do livro impõem sobre suas leituras, e ignoram a maior parte das conclusões alcançadas pelos estudos bíblicos modernos. E se o texto que eles leem, entendido como objeto de máxima autoridade para as construções dogmáticas, é aplicado ou imposto ao contexto vivencial dos leitores sem grandes preocupações de ordem hermenêutica, é de se esperar que a narratividade bíblica exerça uma grande influência no próprio jeito fundamentalista de ser cristão. Ou seja, estamos supondo que esse tipo de apropriação de textos antigos força o leitor a tentar encaixar sobre a própria vida as leis que regem os mundos ficcionais construídos pelas narrativas bíblicas, leis que nem mesmo nos dias dos primeiros leitores/ouvintes se aplicariam plenamente.

³ Uma discussão mais aprofundada sobre o fundamentalismo pode ser encontrada em *Hermenêutica Fundamentalista: Uma Estética do Interpretar*, que é o sétimo capítulo da obra que Júlio Zabatiero escreveu ao lado de Sidney Sanchez e José Adriano Filho (ZABATIERO, 2011, p. 107-113).

Para levar adiante as investigações a respeito de nossas hipóteses é importante que entendamos razoavelmente com que tipo de padrões narrativos estamos lidando. Por isso, no próximo item faremos uma exposição de alguns deles apontando, sempre que possível, o modo como os cristãos fundamentalistas de hoje se apropriam desses padrões narrativos. Esta será a seção mais importante deste trabalho, a que tomará mais espaço e a que finalmente procura demonstrar, lembrando Umberto Eco, que os homens buscam consolo na ideia de que existe um Deus (bíblico) escrevendo as linhas de sua vida.

2 Padrões da Narratividade Bíblica na Leitura Fundamentalista

Nas próximas páginas lidaremos mais diretamente com a literatura bíblica, e faremos breves exposições de algumas características dessa literatura que comumente são analisadas para fins de Crítica Narrativa (SANCHEZ, 2011, p. 147-148). Começaremos falando sobre os personagens (item 2.1) e narradores bíblicos (item 2.2); depois trataremos rapidamente dos cenários e dos tempos (item 2.3) e, por fim, dos enredos (item 2.4). Tudo isso será feito de maneira introdutória, respeitando os limites desse artigo e sem perder de vista nosso interesse principal, que é a aplicação dessas categorias narrativas para a compreensão dos imaginários religiosos fundamentalistas, cuja ligação faremos através de um olhar motivado pela Estética da Recepção.

2.1 Os Fundamentalistas e os Personagens Bíblicos

Hoje sabemos que a maioria das narrativas bíblicas foram compostas a partir da justaposição de fontes diversas, e não é raro o leitor notar que esse processo composicional dá origem a personagens contraditórios que nem sempre satisfazem nossos padrões de coerência textual. Mas, apesar das confusões imediatas, a colagem de textos diversos que falam sobre um mesmo personagem oferece uma visão multifocal que pode ser considerada enriquecedora se não julgarmos os autores bíblicos a partir de nossos próprios gostos literários (ALTER, 2007, p. 204-205). No fim das contas, o processo redacional empregado pelos autores bíblicos tornou os protagonistas bíblicos bastante complexos, mutáveis, imprevisíveis e, por isso mesmo, mais próximos dos seres humanos reais do que a maioria dos personagens que conhecemos através dos textos míticos da antiguidade (AUERBACH, 2011, p. 14-17, 19).

Se por um lado a crítica moderna da Bíblia desconfiava da fidedignidade histórica dos eventos narrados na Bíblia ao demonstrar como os livros

foram formados por unidades textuais de origens distintas, por outro, o fato de os personagens bíblicos serem construídos desse modo complexo favoreceu a leitura fundamentalista que, como já vimos, é essencialmente literalista e nega veementemente que qualquer personagem bíblico possa ser uma mera construção literária. E essa discussão se complica bastante quando o que está em jogo é a valorização dos personagens, a carga ideológica depositada de maneira estereotipada sobre eles e a aplicação desses padrões à vida não literária.

Os personagens literários existem para exercer papéis específicos que são considerados importantes para a construção dos enredos. No caso dos textos bíblicos não é difícil perceber que há personagens que desempenham papéis positivos, pelo que, em termos tradicionais, os poderíamos chamar de *heróis*. A eles se opõem os *vilões*, sujeitos que são imbuídos de uma carga de valores negativos e se fazem adversários dos heróis em suas missões. Os *mocinhos* e os *bandidos* das narrativas bíblicas são reconhecíveis pelo modo como são descritos, pelas coisas que falam e fazem, e pelas intervenções dos narradores que, procurando guiar a leitura, oferecem seus próprios pontos de vista avaliadores.

A razão de os personagens bíblicos serem tão estereotipados está no interesse explícito dos autores bíblicos de levarem seus destinatários à mudança (AUERBACH, 2011, p. 11-12). A Bíblia não procura apenas entreter seus leitores, quer mesmo convertê-los a suas crenças e valores e, para que isso produza resultados eficazes, é preciso que o leitor reconheça facilmente o quadro de valores ideal, que se identifique com os bons personagens e queira até imitar suas ações:

O personagem oferece ao leitor uma forma de vida possível, uma possibilidade de existência; concretiza uma das muitas vias que se abrem diante dele. Daí a atração que pode exercer sobre ele, na medida exatamente em que permite ao leitor viver, pelo imaginário, um destino semelhante ao seu. A leitura se torna uma viagem na qual me é dado explorar diversos “eu” possíveis (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 84).

Considerando os evangelhos como exemplos, vemos que Jesus é o grande protagonista sobre o qual todos os ideais defendidos pelos autores estão depositados. Tudo nos evangelhos do Novo Testamento leva o leitor a encarar Jesus como um sujeito perfeito, e mesmo quando alguma palavra ou ação dele nos parece equivocada, duvidamos de nossa própria percepção e supomos que nós é que não entendemos o texto corretamente. Todavia, Jesus não é um personagem comum; deveras, ele é Filho de Deus, um semideus em termos gregos, um ungido do Senhor do ponto de vista judaico e um deus no ponto de vista cristão. Por conta disso o leitor da Bíblia, por mais que o admire, saberá que não poderá alcançar sua perfeição. Quer dizer que Jesus é um ideal elevado demais, é um horizonte utópico. A verdadeira empatia do leitor dos evangelhos se dá para com

os discípulos que seguem Jesus de modo titubeante, pois a empatia se dá mais facilmente frente a personagens que se nos assemelham. Se os evangelhos foram escritos para serem lidos ou ouvidos por audiências cristãs primitivas, era natural que os discípulos de Jesus fossem apresentados nos textos como exemplos de pessoas que nalgum momento decidiram mudar de vida, seguir Jesus e que, no caminho, encontraram dificuldades sem que tenham desistido de andar ao seu lado, servindo de exemplos literários para a vida cristã de leitores/ouvintes reais.

E ainda falando dos evangelhos, também podemos considerar a presença constante dos fariseus que na maioria das vezes são vilões incorrigíveis. Mais uma vez a construção dos personagens é claramente ficcional, exagera os atributos negativos tais como a hipocrisia, a incredulidade, a animosidade etc. Neste caso o leitor é induzido à completa antipatia e o quadro de valores depositados nos fariseus deverá ser plenamente rejeitado.

Se nos perguntarmos sobre a relação dos leitores fundamentalistas da atualidade com os personagens bíblicos concluiremos que eles estão próximos do *leitor modelo* no que diz respeito à apropriação dos valores implicados nos personagens pelos autores bíblicos⁴. Mas esse leitor só é um modelo ideal do ponto de vista do próprio texto. A fragilidade dessa leitura literalista se revela quando o leitor procura lidar com os vilões bíblicos e, seguro de que a Bíblia é um texto atemporal, cujos conteúdos devem se aplicar a todo ser humano de todos os tempos e lugares indistintamente, os conflitos de ordem religiosa entre os primeiros seguidores de Jesus e os fariseus são recebidos como ensinamentos que devem se aplicar a conflitos religiosos contemporâneos. Não obstante, tais leituras descontextualizadas podem incentivar *guerras santas*, dificultar os diálogos de caráter ecumênico, tornar os cristãos reticentes quanto a projetos sociais e políticos de ordem laica e, em casos mais extremos, provocar divisões, estigmatizações ou demonizações dos diferentes, além de impulsionar antissemitismos e outras expressões de violência que assim são religiosamente legitimáveis.

2.2 Os Problemas na Recepção das Palavras de Deus

Outra dificuldade da leitura fundamentalista está em sua apropriação de Deus como personagem bíblico. Leitores da Bíblia em geral estão conscientes de que, desde a Torá, suas páginas insistem na proibição de que se façam representações de Deus. Entretanto, os mandamentos bíblicos

⁴ Em *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* Umberto Eco apresenta o conceito de *leitor-modelo* expondo a diferença que há entre ler um texto de maneira livre, criativa, descompromissada, ou de maneira atenta e comprometida com todos os contratos que o texto propõe. O *leitor-modelo*, sujeito fictício e ideal, é aquele leitor imaginário para quem o autor destina seu trabalho, “[...] uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15)

parecem lidar apenas com o que hoje nós chamamos de *signos icônicos*, que se definem “por sua relação de semelhança com a ‘realidade’ no mundo exterior” (GREIMAS; COURTÉS, 2012, p. 250)⁵. Noutras palavras, a idolatria que é tão temida e condenada nas páginas da Bíblia é apenas uma forma de representação de Deus, como referente, através de signos. De fato, a própria Bíblia traz muitas outras representações de Deus, mas o faz preferencialmente através de símbolos, de signos linguísticos como os da própria escrita humana (MALANGA, 2005, p. 159-163). Por mais ambígua que possa ser essa representação de Deus, por mais metafórica ou simbólica que seja, ela é também uma forma de redução radical e inevitavelmente insuficiente do imaginário religioso.

Chamamos a atenção de maneira especial para as falas de Deus, os discursos em primeira pessoa que este personagem pronuncia ao longo da Bíblia. A verdade é que os autores bíblicos não encontram modos dignos de expressar a voz divina; tentam fazê-la diferente por meio de eventos paralelos como trovões, terremotos, e procuram colocar na boca de Deus apenas aquilo que lhes parece perfeito. Mesmo assim, não há como fazer o Deus bíblico dizer coisas que excedem os limites da linguagem humana; um leitor atento vai notar que esse Deus é parecido com uma marionete que fala apenas aquilo que cada autor deseja expor com mais autoridade.

Jack Miles estudou o personagem Deus da Bíblia Hebraica e, diante das inconciliáveis vozes de Deus apresentadas pelos livros proféticos, escreveu: “Se a caracterização de Deus através de sua mensagem aos profetas é razoável em princípio, na prática ela é difícil, porque parece haver mais do que uma mensagem e porque, pior ainda, as várias mensagens muitas vezes se contradizem abertamente” (MILES, 2009, p. 248). Em suma, Deus é um personagem misterioso e facilmente manipulável, um instrumento a serviço da retórica dos autores bíblicos que colocam em sua boca aquilo que querem impor a seus destinatários de maneira mais impositiva.

Neste caso o leitor fundamentalista não faz distinção entre o uso de Deus como personagem e a voz do verdadeiro Deus em que ele acredita. Como dá pouca importância à participação humana e seus respectivos contextos existenciais na produção dos textos bíblicos, tal leitor irá se deparar com dificuldades quando Deus se contradiz ou está errado. Deveras, sem a devida contextualização é difícil conciliar o Deus que anseia por justiça social e planeja a destruição dos templos religiosos de Oséias e Amós,

⁵ Hugo Volli explica os signos icônicos com essas palavras: “Se a relação entre significante e significado é caracterizada por uma semelhança objetiva, ou até mesmo reconhecida como tal no grupo social que usa o signo, temos uma relação *icônica*. Um signo icônico deve a sua capacidade de significar ao fato de que a expressão é *sob certo aspecto semelhante* ao próprio conteúdo. As ilustrações, os retratos, as caricaturas, os esquemas de um aparelho elétrico, os mapas geográficos e até os sons onomatopáicos e as metáforas compartilham essa característica” (VOLLI, 2012, p. 40).

com o Deus ditador do Salmo 2 ou apoiador da religiosidade sacrificial de Ageu ou Malaquias. No fundamentalismo cristão esse problema costuma ser resolvido pela mediação religiosa na leitura, pela imposição de dogmas pré-estabelecidos e legitimados por instituições religiosas que servem de parâmetros à interpretação, e também através de uma recontextualização alegórica que é facilitada pela leitura seletiva em ambientes litúrgicos. Nesse ponto nos lembramos do já citado Joseph Fitzmyer que apontou a ausência de métodos interpretativos atuais e de uma consciência crítica como elementos que caracterizam as leituras fundamentalistas (FITZMYER, 1997, p. 66).

Mas devemos lembrar que o cristão fundamentalista não julga *ouvir* a voz de Deus apenas nos casos em que os narradores bíblicos se utilizam de discursos diretos. Algumas peculiaridades bíblicas contribuem com a ideia de que toda a Bíblia é *Palavra de Deus*; dentre elas, consideremos também a constante participação dos narradores em terceira pessoa. As histórias bíblicas, na maioria das vezes, são contadas por narradores que estão fora das histórias (*instância extradiegética*)⁶, que são anônimos, oniscientes e onipresentes:

Um narrador em terceira pessoa onisciente conta a história de fora e se refere aos personagens por nome ou por “ele”, “ela”, ou “eles”. Similar a uma câmera em movimento, este narrador é livre para vagar de personagem em personagem, fornecendo *close-ups* de alguns, vislumbres de outros, e é livre para mover-se de um evento a outro como desejar. Os escritores dos evangelhos são narradores em terceira pessoa oniscientes que vão de personagem em personagem, evento em evento, se aprofundando no pensamento de alguns personagens, elaborando as motivações de outros, comentando a respeito de outros e assim por diante (RESSEGUIE, 2005, p. 168).

Além de notar esse padrão narrativo, consideremos também a tradição religiosa de leitura bíblica que sempre aponta para Deus como autor da obra final. A ausência de personalidade nos narradores bíblicos, a facilidade com que eles intervêm na história oferecendo juízos de valor sobre os personagens e as demonstrações de onisciência que dão a todo momento, fazem com que leitores conservadores e desinformados quanto à literariedade dos livros bíblicos confundam a voz inequívoca dos narradores com a voz do próprio Deus.

Sem dúvida o cristão fundamentalista aplica de modo quase sempre inconsciente essas categorias narrativas a seu imaginário religioso. Suas práticas de leitura bíblica criam, no mundo real, expectativas ficcionais em relação à atuação de Deus; eles esperam que Deus lhes apareça ou lhes fale do mesmo como esse personagem atua nas páginas bíblicas. Indo mais

⁶ Veja mais sobre as diferentes posições que um narrador pode assumir em *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa* (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 39-41).

longe, hoje em dia não deve ser difícil encontrar cristãos fundamentalistas defendendo a decadência da igreja cristã contemporânea com base na observação da clara ausência de experiências religiosas de caráter bíblico em seus encontros dominicais. De seu ponto de vista eles têm razão se afirmam que os cristãos de nossos dias não são tão sensíveis à voz de Deus quanto os antigos seguidores de Jesus Cristo; o problema para o qual estamos chamando a atenção é que esses cristãos antigos nunca existiram, pelo menos não do modo como os conhecemos através dos textos. Os personagens bíblicos, incluindo Deus, ainda estão presos no mundo ficcional, um mundo limitado ao texto que, como vimos, opera segundo suas próprias leis que sempre excedem às do nosso mundo real nalguma medida.

2.3 O Mundo Real como um Cenário Bíblico

Para falar das apropriações dos cenários bíblicos na leitura fundamentalista podemos começar recordando o fato de que este tipo de leitor da Bíblia desconsidera os elementos ficcionais das narrativas ou, pior ainda, os toma como realidades de um passado histórico utópico, não conseguindo distinguir devidamente o que pertence ao *mundo do texto*, que é um mundo inverossímil, do que há no *mundo da vida*. Para fins didáticos, leiamos algumas linhas de Hugo Volli sobre os mundos ficcionais e o modo como os recebemos enquanto leitores:

Esses mundos só são concebíveis sob a condição de que o leitor seja: a) bastante flexível para aceitar modificar temporariamente (pela duração da leitura) algumas das leis que geralmente considera previsíveis, ou b) suficientemente superficial para não querer, a qualquer custo, encontrar uma explicação exaustiva e cientificamente aceitável para os fenômenos que lhe são apresentados (VOLLI, 2011, p. 108).

O que geralmente se espera de todo leitor de literatura é que ele saiba suspender suas ideias sobre a realidade para entrar e desfrutar temporariamente da aventura que o texto lhe propõe. Ao fechar o livro o leitor deve saber voltar à realidade, ciente de que já não estão em vigor as leis do mundo ficcional que conheceu.

Mas não é raro que o passeio pelo mundo ficcional faça o leitor voltar à realidade transformado. Pensadores do chamado *Formalismo* (escola de estudos da linguagem desenvolvida na Europa nas primeiras décadas do século XX) sugeriram que a arte em geral, e a literatura de modo especial, são instrumentos capazes de nos fazer repensar a realidade, de alterar nosso ponto de vista habitual para que possamos sentir a vida de maneira renovada. A esse potencial transformador da literatura chamaram de *desfamiliarização* (RESSEGUIE, 2005, p. 38).

Entretanto, o fundamentalista cristão não usa o ponto de vista proposto pela literatura bíblica para repensar o mundo real, antes, por conta de

seu modo literalista de ler, eventualmente tenta impor a ficção sobre a realidade. Quer dizer que ele costuma, de modo ingênuo, tomar os dados ficcionais como possíveis fora do texto e tenta encontrar no mundo real aquilo que só existe no mundo das narrativas bíblicas. Conseqüentemente, o leitor fundamentalista pensa viver num mundo bíblico, imagina estar num lugar encantado, repleto de seres invisíveis, onde as leis da física podem ser eventualmente suspensas por um milagre do Criador, onde pecados secretos são conhecidos nas regiões celestiais e podem resultar em conseqüências eternas, onde as fronteiras entre espaços sagrados e profanos são reais etc. Nesse aspecto o imaginário religioso do leitor fundamentalista da Bíblia o faz parecido com os homens da antiguidade que não distinguiam as instâncias religiosas das instâncias seculares da vida (SUNG, 2014, p. 300-301).

Nesse tipo peculiar de recepção das narrativas bíblicas o mundo real deve ter, como o mundo do livro, um começo e um fim bem estabelecidos, e é aí que as categorias bíblicas de tempo também se aplicam ao imaginário religioso fundamentalista. O passado dos personagens bíblicos é encarado como se fosse o passado histórico dos cristãos de hoje; os textos sobre as origens das tribos mesopotâmicas são tomados como os primórdios da humanidade e de toda a criação; e as fantasiosas histórias sobre as origens de Israel são transformadas em mitos fundantes para todo cristão, no sentido em que são formadores de identidade e memória social e coletiva (FRYE, 2004, p. 57-69). O Novo Testamento, que dá testemunho limitado sobre as origens do(s) cristianismo(s) inaugura o presente, a era cristã em que o leitor se situa, o meio da história humana que Deus está escrevendo. E nem é preciso usar muitas palavras para dizer que as categorias mais conhecidas da apocalíptica bíblica que descrevem esperançosamente o repentino fim dos tempos (e o prometem para breve) são aplicadas à realidade do leitor do modo mais literal possível, pelo que o cristianismo sempre insistiu, século após século, em interpretar os eventos históricos como sinais do fim iminente.

2.4 A Vida Humana como um Enredo Bíblico

Finalizando e já retomando alguns temas anteriores, o cristão fundamentalista leitor da Bíblia se entende como um personagem que vive rigorosamente conforme as linhas escritas pelo autor divino. É claro que como personagem ele quer ser um protagonista, quer ser um herói capaz de grandes realizações e digno de grandes honrarias, semelhante aos mais celebrados personagens bíblicos. Contudo, para que tais categorias narrativas e ficcionais tenham valor e possam se aplicar devidamente à vida é importante que outros sujeitos, de ordem humana ou demoníaca, sejam interpretados como vilões ou figurantes com os quais o autor (Deus) não

se importa tanto. Dizendo isso de outro modo, é preciso hierarquizar os homens como personagens, forçar todos a contracenar no mesmo palco, criar as próprias crises religiosas entre o bem e o mal, estabelecer os conflitos ou tensões necessários a qualquer bom enredo.

Buscando se enquadrar nos padrões bíblicos, mais uma vez o cristão fundamentalista fará uma apropriação literalista dos textos e logo se imaginará numa batalha cósmica em que poderá ser um combatente importante, convocado para conter os avanços das hostes demoníacas. Note-se que os temas militares e as batalhas espirituais são comuns nos discursos fundamentalistas e é recorrente em suas canções e produções literárias. Novamente vem à tona o risco de que os ataques desses pretensos heróis, supostamente voltados contra forças demoníacas que merecem punição, se voltem equivocadamente contra pessoas reais, contra pagãos que nem sabiam estar no tal campo de batalhas, contra endemoninhados em geral que são identificados pelos olhos *treinados* dos homens espirituais. Há também o perigo de que o mesmo olhar se reflita em desapareço pelo mundo natural, que pode ser considerado maligno e irrecuperável, o que, por sua vez, pode resultar na inércia diante dos desajustes de ordem social e política.

Como em qualquer narrativa, o protagonista cristão não age espontaneamente, não escolhe a própria missão; ele age a partir de contratos firmados com um destinador, como explica a *semiótica greimasiana* (BARROS, 2003, p. 197; BARROS, 2011, p. 28-29). De modo explícito ou implícito a história deste sujeito sempre começa quando um destinador o manipula, o fazendo crer e/ou agir a partir das promessas feitas. No caso do fundamentalismo cristão, Deus é o único destinador legítimo, mas sabemos que os contratos firmados pelos cristãos também são propostos pela Bíblia e pelas instituições religiosas que, como já dissemos, atuam como mediadores nessas relações entre homens e Deus. Portanto, o cristão é um personagem de carne e osso, alguém que busca cumprir as exigências estabelecidas por Deus, embora elas geralmente lhe tenham sido transmitidas em forma escrita e nem sempre unívoca nas páginas da Bíblia, e tenham passado por um processo de tradução ou interpretação que, no interior das tradições religiosas, é parcialmente condicionado por autoridades e antigos dogmas.

Entendido desse modo, o enredo da vida humana se resume, no imaginário religioso fundamentalista, a uma escolha religiosa simples: ou o cristão acredita no seu destinador, o obedece e espera pelas intangíveis recompensas da salvação, ou o nega e ruma à perdição e às demais ameaças.

Considerações Finais

Estamos conscientes de que as páginas que oferecemos só podem ser tomadas como uma introdução à análise da leitura bíblica cristã funda-

mentalista do ponto de vista literário, um ponto de partida para uma pesquisa maior que, quiçá, ainda empreenderemos. Aqui, impulsionados pelas linhas de Eco (item 1), estudamos algumas das características da narratividade bíblica (item 3) e falamos de modo breve sobre a leitura cristã fundamentalista (itens 2 e 3), tentando demonstrar como aqueles antigos padrões narrativos são apropriados e formatam seus imaginários religiosos. Há muito por fazer antes de julgarmos esse trabalho concluído; está claro que o modo ideal de fechar esse trabalho seria pelo exame de leituras cristãs fundamentalistas que pudessem demonstrar a assertividade dos nossos apontamentos hipotéticos, mas adiamos tal tarefa por hora.

Apesar da incompletude imposta pelos limites desse artigo esperamos ter demonstrado a importância do tema e sugerido um modelo interpretativo a partir do qual o imaginário religioso fundamentalista possa ser abordado hoje e melhor compreendido no futuro. Propusemos que o aparente desajuste dos valores e ações de determinados indivíduos ou grupos religiosos fundamentalistas em relação à sociedade atual (e suas consequências) pode ser melhor compreendido através de um estudo mais apurado da narratividade bíblica e das práticas de leituras desses mesmos fundamentalistas. A hermenêutica ultrapassada é, em suma, a razão dos tais desajustes, e aí está um dos pontos mais significativos para o trabalho dos críticos desses fundamentalismos.

Referências

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do Discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística (Vol. 2): Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 187-219.

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2011.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Das Relações Entre a Modernidade e o Fundamentalismo Religioso. *Teocomunicação*, v. 44, n. 2, p. 220-246, 2014.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FITZMYER, Joseph A. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997.

FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2012.

ISER, Wolfgang. *O Ficcional e o Imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. (2. ed.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KUGEL, James L. *Como ler a Bíblia: um guia para a escritura ontem e hoje* (vol. 1). São Paulo: Via Lettera (Povo do Livro), 2012.

LIBANIO, João Batista, MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia: Perfil, Enfoques, Tarefas*. São Paulo: Loyola, 2005.

MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como Obra Aberta: Uma Proposta Interdisciplinar para uma Semiologia Bíblica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo. In: *X Simpósio da Associação Brasileira da História das Religiões: Migrações e Imigrações das Religiões*, 2008. Disponível em <http://www.abhr.org.br/?page_id=57>.

_____. Olhar Hermético ou Hermenêutico: Fundamentalismo Religioso, Origens e Desafios. *Atualidade Teológica* (PUCRJ), v. 29, p. 1-11, 2008a.

SANCHEZ, Sidney. Os Estudos Literários e a Exegese do Novo Testamento: A Análise Literária das Narrativas. In: ZABATIERO, Júlio; SANCHEZ, Sidney; ADRIANO FILHO, José. *Para Uma Hermenêutica Bíblica*. São Paulo, 2011, p. 137-152.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

VOLLI, Ugo. *Manual de Semiótica*. São Paulo: Loyola, 2012.

ZABATIERO, Júlio. Fundamentalista: Uma Estética do Interpretar. In: ZABATIERO, Júlio; SANCHEZ, Sidney; ADRIANO FILHO, José. *Para Uma Hermenêutica Bíblica*. São Paulo, 2011, p. 107-119.

Anderson de Oliveira Lima é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e especialista em Bíblia (Lato Sensu) pela mesma Universidade. É doutor e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. <http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>.

e-mail: anderson.angela.lima@gmail.com